



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**LUIZ GUSTAVO TRAININI**

**(depoimento)**

**2016**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-446

**Entrevistado:** Luiz Gustavo Trainini

**Nascimento:** 14/01/1978 – Canoas - RS

**Local da entrevista:** Porto Alegre

**Entrevistadora:** Christiane Garcia Macedo

**Data da entrevista:** 27/04/2016

**Transcrição:** Luisa Lemos Goellner

**Copidesque:** Silvana Vilodre Goellner

**Pesquisa:** Luisa Lemos Goellner

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 34 minutos e 9 segundos

**Páginas Digitadas:** 15 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para o projeto *Gaúchos(as) Olímpicos: preservando memórias, reconstruindo histórias* desenvolvido pela equipe do CEME.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Inserção do atleta no Tiro com Arco: Influências na carreira; Competições e dificuldades: Jogos Olímpicos de Pequim; Organização de competições no Brasil; Mulheres no Tiro com Arco; Desligamento do esporte; Projetos atuais; Envolvimento com Falcoaria.

Porto Alegre, 25 de Outubro de 2017. Entrevista com Luiz Gustavo Trainini a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Olá Gustavo. Em primeiro lugar, muitíssimo obrigado por me receber aqui... Deixar eu te atrapalhar um pouquinho.

L.T. – Não, eu que agradeço.

C.M. – E eu queria que você começasse falando como foi a sua inserção no esporte, especialmente no Tiro com Arco.

L.T. – O Tiro com Arco, ele começou... Eu comecei nele, a vontade de atirar era em 1992. Eu lembro que eu gostei muito, sempre gostei muito de esportes medievais como Falcoaria, Arco e Flecha, Tiro com Arco. Aí em 1992, eu lembro que o Victor Krieger, que era outro gaúcho, outro arqueiro, ele foi pra Barcelona<sup>1</sup>, então, ele fez uma reportagem para Zero Hora<sup>2</sup> na época. Daí eu via, acompanhava por alto, porque não tinha internet, não tinha nada. Ali é que despertou aquela vontade. “Deve ser fácil ir pra Olimpíada porque, pô, o pessoal daqui tá indo. Então não deve ser tão difícil.” Aí foi em 1992 que eu comecei a gostar e cogitar essa possibilidade. Em 1995 eu trabalhava de *office boy* na época e eu conheci a Federação Gaúcha de Tiro com Arco através de uma loja no centro de Porto Alegre, a antiga Dirceu Silva<sup>3</sup>. Ela vendia produtos e aí tinha um arco lá pra vender, tinha anúncios dele nos jornais. Então eu fui lá, perguntei pra eles e eles me deram o contato da Federação Gaúcha. E lá eu lembro que eu comprei um arquinho em dez vezes, mas era um arco gaúcho, bem simples. Aí eu tentei começar naquela época, em 1995, só que assim, não deu nem uma semana o meu equipamento já tava todo estourado, as flechas já não tinham mais, etc e tal... Consegui comprar flechas novas de carbono. Que era essa é a diferença, a que vinha com o arco era flecha de madeira. Daí comprei uma flechinha de carbono e também, depois de um mês não tinha mais flecha. E era *muito* caro na época. Ou seja, era incompatível com a minha realidade social. E vendo isso o pessoal do próprio

---

<sup>1</sup> Jogos Olímpicos de Barcelona realizados em 1992.

<sup>2</sup> Jornal sediado em Porto Alegre.

<sup>3</sup> Antiga loja de equipamentos esportivos, principalmente surf.

Tiro com Arco me aconselhou: “Gustavo, vai estudar. A gente vê que tu é um cara interessado, etc. Vai estudar e quando tu tiver formado vem aqui brincar com a gente porque isso aqui é uma brincadeira, não é uma profissão. Ninguém ganha dinheiro com isso”. Aí eu segui o conselho. Daí em 2004 eu saí, 2005 saí fora e retornei pra Federação. Ainda tinham alguns componentes daquela época de 1995. Perguntei como é que tava o cenário do Arco e Flecha, etc. e tal. E se o equipamento tinha baixado de preço, que eu lembro que era muito caro. “Tá a mesma coisa”. Daí eu perguntei se o pessoal já tinha ido pra Olimpíada de novo, porque daí teve Atlanta<sup>4</sup>, teve Sydney<sup>5</sup> e...

C.M. – Atenas<sup>6</sup>.

L.T. – Atenas, isso, isso. Atenas 2004. O pessoal disse: “Não, não. Desde 1992, aquela época do Victor Krieger ninguém mais foi. Daí eu fiquei pensando: “Então a coisa ficou mais difícil.” É, mudaram as regras. Antigamente era por índice, então, tu fazia tantos pontos e podia ir. E hoje são seletivas, ou seja, são três vagas para toda a América do Sul. Toda América na verdade, a seletiva. Enfim, o critério mudou. Ficou muito mal, muito pior. Eu encarei o desafio. Comecei a treinar em outubro de 2004, logo depois da Olimpíada de Atenas. E por surpresa em outubro de 2007 eu tava conquistando a vaga para Pequim<sup>7</sup>, depois de dezesseis anos. Então foi mais ou menos essa a trajetória. Em três anos eu consegui a vaga olímpica.

C.M. – E esse gosto pelas práticas medievais vem de onde?

L.T. – Vem, simplesmente vem. Não sei explicar.

C.M. – Teve alguma influência?

L.T. – Não, não. De casa nunca tive muita influência. Na verdade a influência que eu tinha era de largar tudo isso e fazer coisas normais, digamos assim. Então essa foi a influência que os pais me deram. E por muita insistência, teimosia, destino ou sei lá o que, eu

---

<sup>4</sup> Jogos Olímpicos de Atlanta realizados em 1996.

<sup>5</sup> Jogos Olímpicos de Sydney realizados em 2000.

<sup>6</sup> Jogos Olímpicos de Atenas realizados em 2004.

continuei, optei por não desistir desses gostos, né? E fui, transformei eles num trabalho. Hoje eu sobrevivo graças a eles.

C.M. – Em relação a outras práticas, outros esportes, outras atividades...

L.T. – Não, eu sempre tive, sempre gostei onde eu estudava, lá no Guajuviras<sup>8</sup>, a escola Carlos Drummond de Andrade. Eu... Nós tínhamos um grupo de voleibol que a nossa diretora incentivava muito o esporte. Eu acho que foi daí que ela conseguiu colocar essa sementinha no cérebro da criança. Daí ali por doze, treze, quatorze anos ela incentivava muito essa prática de esporte. E foi daí que começou a ter esse gosto. Era só vôlei, mas era uma recreação, nada em nível de escolinha, a nível profissional. Nada. Era só no vôlei, mas o foco sempre foi no arco e flecha, Tiro com Arco.

C.M. – E nesse período que você deixa de praticar, você vai fazer faculdade?

L.T. – Isso, exatamente. Então 1995 eu já estava no segundo ano, primeiro ano do segundo grau. Não, já tinha me formado no segundo grau, já. É. Tive que trabalhar. Trabalhei como taxista por muitos anos para poder entrar na faculdade e fazer Biologia. Que esse era o meu caminho. Então quando eu tava quase me formando, eu me formei em 2006, quando eu tava quase me formando, lá em 2004 é que eu resolvi procurar porque eu achei que já tava na hora. Já estudei, conforme eles tinham me pedido, não vou perder mais tempo. Eu vou tentar investir na carreira de atleta.

C.M. – Você se formou aonde?

L.T. – Na ULBRA.<sup>9</sup>

C.M. – Na ULBRA? Em Canoas.

L.T. – Isso. ULBRA Canoas.

---

<sup>7</sup> Jogos Olímpicos de Pequim, realizados em 2012.

<sup>8</sup> Bairro de Canoas – Região metropolitana de Porto Alegre.

<sup>9</sup> Universidade Luterana do Brasil.

C.M. – E, fora a diretora da escola, teve alguma influência pra ir... A Federação de ajudou de alguma forma nesse início? Algum clube?

L.T. – Não, não. Em 2004 a Federação pagava contas então a coisa não tava... Não tinha essa possibilidade de Olimpíada no Rio de Janeiro. Não tinha nada, nada disso era cogitado. Então a Federação Gaúcha sempre foi muito pobre em arrecadação. Então tinha que pagar o campo, algumas almofadas, alguma coisa assim, então era um rateio que era feito entre os atletas. Então não tive tanto apoio assim porque a federação não tinha. Mais um suporte, assim, psicológico. Força, esse era o máximo que a Federação conseguiu.

C.M. – E nessa época, antes da participação nas Olimpíadas, tinha competições?

L.T. – Tinha sim. Nós éramos federados. Pra você fazer parte da Seleção Brasileira você tem que ter um índice. Esse índice é medido através das competições regionais ali no Rio Grande do Sul, enfim todo o Brasil. E ali que se forma o *ranking* brasileiro. A partir desses índices, desse *ranking* é que eles escolhem, *escolhiam* quem ia pra seleção. Por campeonatos. Era dessa forma.

C.M. – E tinha competições aqui em Porto Alegre?

L.T. – Sim, sim. No Clube Farrapos. Normalmente as competições eram no Clube Farrapos, na rua Cristiano Fisher.

C.M. – Tem algum estado que era mais forte nessa época, nas competições?

L.T. – Sim, sim, sim. Os dois estados mais fortes eu acho que era Minas Gerais e São Paulo. Eu não sei. Pelo número de associados talvez, pela Federação ter mais dinheiro, ter mais associados, não sei. Mas eu sei que esses estados eram referência, e Rio de Janeiro também. Pelo nível histórico de atletas olímpicos lá. Então ficava mais ou menos distribuído entre Minas, São Paulo e Rio de Janeiro.

C.M. – Você sentiu alguma diferença de ser aqui do sul e ter esse nível diferente lá?

L.T. – Achei, achei. A diferença é que nós sempre competimos aqui embaixo do mal tempo. Ou seja, a condição climática no Rio Grande do Sul, já que é uma atividade *outdoor*, ela não te favorece em pontos e o *ranking* brasileiro, ele caminha paralelo em todos os estados independente daqui tá dando chuva, vento, granizo ou frio de zero graus. Naquela data tem competição. Naquele mês tem competição no Rio Grande do Sul, tem em Minas, em São Paulo. E o *ranking* é formado por aquele resultado ali, independente de onde você tá. Então achei dificuldade em relação ao clima por ser *outdoor*. Isso também me favoreceu porque eu aprendi a atirar com condições adversas. Então isso, que era uma coisa no início prejudicial, se transformou numa vantagem, entendeu? Lá no futuro eu agradei por ter começado por aqui devido a isso.

C.M. – Sim. E você aqui no Rio Grande do Sul, tinha competidores do seu nível nas competições?

L.T. – É. Nos primeiros dois anos tinha. Depois, como eu despentei muito, daí comecei a ganhar todas, entendeu? Mas sempre tiveram ótimos competidores. O grande lance é que eu me dedicava mais do que eles. Como eles faziam, literalmente, por *hobby*. Eu não, eu botei aquilo ali como uma meta, como uma possibilidade, de repente de ir pra Olimpíada era meio que desvantagem me colocar no mesmo patamar do que eles, porque eles faziam por *hobby*, só final de semana e eu fazia todos os dias. Então logo o resultado veio e não tinha como concorrer, entendeu? Então...

C.M. – E como é que era a sua rotina de treinamento e as condições também. Onde que você treinava?

L.T. – Eu treinei muito em casa a curta distância. Hoje a nossa competição é a 70 metros e eu treinava 3 metros. 20 no máximo, que eu tinha em casa. Isso favorece porque eu consegui repetir mais vezes o movimento do tiro. Ao longo que quem tem 70 metros pra atirar vai atirar muito menos flechas do que eu, em oito horas de treino, por exemplo. Eu conseguiria dobrar ou triplicar o número de tiros naquelas oito horas diárias. Ao passo de quem tinha 70 metros, tinha um campo, treinava um terço do que eu. Ele tinha a vantagem da distância, mas eu sempre dizia que o alvo, ele não se mexe. E a flecha, depois que sai da tua mão não sabe o quanto vai ter que percorrer, entendeu? Então, eu otimizei isso. Fiz um



curto num espacinho pequeno com muita repetição. Que essa que é a lógica do Tiro com Arco, a repetição e continuidade de treino. Então eu comecei a treinar mais intensamente em casa. E daí nos finais de semana a gente se reunia pra ir atirar a longa distância. Então era uma coisa bem tranquila.

C.M. – E aí era onde?

L.T. – No Clube Farrapos.

C.M. – Quem te ensinou? Onde você aprendeu a atirar e a montar, fazer os seus treinos?

L.T. – Isso, foi o pessoal da Federação Gaúcha. Foi o Guilherme Steigleder<sup>10</sup>, que era um arqueiro muito antigo, não teve sorte de ir pra Olimpíada porque eram outros tempos, e porque o foco dele nunca foi esse também. O foco dele sempre foi por *hobby*, né? E o Anselmo Hernandes<sup>11</sup> que também era. Digamos, eles eram os meus técnicos que me apoiavam nessa questão de calibrar o arco, regular, flechas etc e tal. Então eles sempre me deram esse suporte básico pra gente começar. Claro depois que o nível foi aumentando eles já disseram: “Ó, Gustavo até aqui a gente te levou. Daqui pra frente só vindo gente mais experiente de fora pra poder fazer o teu resultado crescer.”

C.M. – E você conseguiu essas pessoas de fora? Ou foi atrás?

L.T. – Sim. Através da Confederação Brasileira porque depois que eu cheguei na Seleção Brasileira daí sim, o técnico era italiano<sup>12</sup>. Até Pequim, né? Então eu consegui ter uma boa experiência com esse técnico italiano. Na segunda fase minha no Tiro com Arco, porque eu dei um tempo de 2008 até 2010. outubro de 2010, de 2008 até outubro de 2010, daí eu entrei numa nova fase do Tiro com Arco. Por quê? Por que o Rio ganhou a candidatura em 2010, então, o COB<sup>13</sup> fez uma proposta pros atletas que já estavam, de participar do *master plan*. Um plano pra conseguir a medalha no Rio de Janeiro. Então me mudei pro Rio de

---

<sup>10</sup> Guilherme Nestor Steigleder.

<sup>11</sup> Anselmo Nilo Hernandes.

<sup>12</sup> Renzo Ruele.

<sup>13</sup> Comitê Olímpico do Brasil.

Janeiro daí veio um técnico da Coreia<sup>14</sup>. É outro nível. Então foi dali de 2010 até 2012 que a gente fez um treino bem mais forte. Eu abandonei o Tiro com Arco em 2012, então, essa experiência de fora que eu tive veio da Itália e da Coreia.

C.M. – E em relação a equipamentos? Tinha outro lugar pra Tiro com Arco aqui ou era só no Clube Farrapos?

L.T. – Tinha. Tinha em Novo Hamburgo, tinha em Campo Bom, mas eram clubes muito... Que cediam espaço, então, esporadicamente no calendário gaúcho tinham competições lá, mas era 80% Clube Farrapos e 20% distribuído entre o resto, entendeu? Bento Gonçalves também tem um campo lá. Mas era isso aí 20% nesses outros e oitenta no Clube Farrapos.

C.M. – E equipamentos? Aqui tinha ou vocês importavam?

L.T. – Tudo, tudo, tudo importado. Até um certo nível você consegue com os brasileiros, depois você precisa de equipamento importado. Isso faz muita diferença. Esse sempre foi o Tendão de Aquiles do esporte. É o equipamento, o imposto, essa questão toda. E a dificuldade porque demora muito pra vir os equipamentos.

C.M. – E tinha mulheres participando?

L.T. – Sempre teve um fluxo de mulheres, assim, as mulheres começavam mas não ficavam muito tempo no esporte. Elas passavam ficavam meses, às vezes um ano, dois depois abandonavam. Pelo que eu lembro era mais ou menos isso. Às vezes treinam errado, dava lesão, entendeu? Daí demoravam pra retornar, daí não retornavam mais. Sempre foi muito transitório, muito de passagem, as mulheres.

C.M. – E dentro da sua carreira teve relação com mais algum clube além do Farrapos?

L.T. – Sim, o meu clube em que eu participei das Olimpíadas é a SOGIPA<sup>15</sup>. Eu comecei como Clube Farrapos e depois que eu consegui a vaga olímpica eu bati na porta dos clubes.

---

<sup>14</sup> Lim Heesk.

<sup>15</sup> Sociedade de Ginástica de Porto Alegre.

Fui no Grêmio Náutico União, na SOGIPA e na SOGIPA eu tive a sorte de encontrar um diretor de esportes da Unisinos<sup>16</sup>, que um ano antes nós tínhamos batido na Unisinos pra abrir o campo pra poder treinar e ele era o diretor lá. Então ele tinha mudado pra SOGIPA e ele me reconheceu. “Oh, Gustavo, não sei o quê.” Eu disse: “Não, eu consegui uma vaga olímpica e queria um clube pra treinar.” Aí ele abriu as portas da SOGIPA, botou em pauta isso o pessoal da SOGIPA aceitou, etc. e tal e eu fui parar na SOGIPA.

C.M. – Mas lá tinha alguém praticando Tiro com Arco ou foi você que...

L.T. – Não, não. Era só eu. Eu que representava o clube, apenas. Como eu tinha essa vantagem, esse hábito de treinar em casa eles disseram: “Gustavo, a gente não tem espaço aqui pra fazer o Tiro com Arco, não temos logística pra isso, mas tu aceita ser do nosso clube? A gente te ajuda no que tu precisar aí.” E eu: “Tranquilo”. Então como eu treinava em casa, eu só vestia camiseta do clube. Se eu precisasse de qualquer coisa na parte de piscina, na parte de preparador físico, academia, sei lá, o que eles estavam à disposição pra tudo isso.

C.M. – A âmbito nacional teve alguma competição que se destacou antes das Olimpíadas?

L.T. – Sim, a minha carreira foi muito rápida. Eu fui campeão brasileiro *indoor*, campeão brasileiro *outdoor*, eu tive algumas. Não lembro quantas na ponta do dedo, mas eu tive algumas.

C.M. – E como que você chega à Seleção então?

L.T. – Eu cheguei dois anos depois de começar. Eu vi que o nível do Brasil não era tão alto quanto lá de fora. Eu vi que dava, eu vi que a minha projeção de pontuação em poucos meses eu chegaria lá. Então foi tranquilo. Eu achei bem tranquilo, o ingresso na Seleção. O difícil foi permanecer na Seleção depois, porque chegar lá você chega, o difícil é ficar no nível.

---

<sup>16</sup> Universidade do Vale dos Sinos.

C.M. – Mas você te vê em competições ou é só pela pontuação?

L.T. – Como?

C.M. – Te convocam ou quem chega em determinada pontuação já entra automaticamente pra seleção?

L.T. – Não, convocação, convocação. E pra ter possibilidade de convocação você tem que ter uma pontuação. Então é mais ou menos esse o processo.

C.M. – Entendi e quando você é chamado pra seleção tem... O que acontece de diferente, assim, você representa a Seleção? Você vai pra alguma...

L.T. – Não. Mudou muito. Mudou muito. 2004 era de um jeito, 2007 depois que criaram o *master plan* ficou diferente. Quem era do *master plan* era da Seleção. Era muito difícil alguém de fora entrar. Pela carga de treinamento, pelo material à disposição, logística toda pro treinamento então meio que a parte amadora ficou pra trás. Antigamente eles reuniam, viam lá no *ranking* os quatro primeiros e chamavam pra ingressar na Seleção já com competição naquele mês. Eles pegavam e era muito... Como posso dizer... Instantânea. Era naquele mês a seleção formada por aqueles componentes. Outro mês já mudava totalmente tudo. Era outro *ranking*, entendeu. Então era assim.

C.M. – Flutuava.

L.T. – Mas normalmente era... Ficava entre cinco atletas. Eram três atletas na seleção brasileira, mas ficam entre os cinco melhores. Então uma hora ia um, outra hora ia outro, então ficava revezando esses cinco.

C.M. – E nessa participação na seleção em 2007 e 2008, vocês tiveram encontros?

L.T. – Sim, sim, sim. Até por causa dos Jogos Pan-americanos no Rio. Então a coisa... Acho que veio um recursinho a mais, alguma verbinha e como o Tiro com Arco não

conseguiu nenhuma medalha no Pan-americano, que era pra ele ter conseguido, mas não teve nenhum incentivo, não teve nada antes... O Tiro com Arco ele... Como era a pergunta mesmo?

C.M. – Se teve diferença nos treinamentos e nos encontros.

L.T. – Sim, sim, sim. Foi meio que um ensaio. Foi meio que um ensaio do *master plan*. Então os Jogos Pan-americanos impulsionaram, começaram a dar essa visibilidade pro Tiro com Arco perante o COB. Que o COB via o Tiro com Arco, mas não via o potencial. Era sempre o Judô... Em fim, as outras modalidades, natação, que se destacavam. E o Tiro com Arco não era tão visto assim.

C.M. – Você mudou pro Rio de Janeiro?

L.T. – Mudei.

C.M. – Já em 2007?

L.T. – Não, não, não. Eu ia pra lá, treinava, ficava uma semana treinando com o técnico, voltava com o tema de casa. No outro mês a gente se encontrava com o técnico de novo, ele via o que tinha sido feito e assim foi.

C.M. – Nesse período você conseguiu se dedicar totalmente ao esporte?

L.T. – Nunca. Nunca consegui 100%. Sempre aglomerava as coisas porque tinha que trabalhar e aí eu treinava. Eu lembro que às vezes eu começava a treinar as seis da tarde e ia até as três da manhã. Que era a hora que eu tinha. Às vezes treinava de manhã, então era uma bagunça. Como eu trabalhava meio por conta, né? Mas nunca foi exclusivo do Tiro com Arco.

C.M. – E sobre a sua experiência na Olimpíada, como é que foi?

L.T. – É foi uma... Como é que eu vou dizer? O meu rendimento, ele caiu muito na Olimpíada pela quebra do equipamento. Sempre digo essa frase e repito aqui direto: “Quem tem um, não tem nenhum.” Então eu tinha um único arco. Fui pra Itália quinze dias antes de ir pra China. Fui fazer um treino específico lá no centro de treinamento e o arco quebra. Um arco afinado, que eu atirava já há dois anos com ele. E ele quebrou. Eu consegui a vaga olímpica com ele e ele tava todo calibrado. Isso demora uns dois meses pra calibrar um arco assim e ficar... Quebrou esse arco, no outro dia já veio um arco. Melhor, só que...

C.M. – A Confederação mandou?

L.T. – A Itália. A própria Itália se encarregou de tudo. Ficaram com pena eu acho e... [riso]. “Toma aqui um arco. Isso aqui pra nós é comum.” E eu brasileiro, só tinha um arco, e esse arco quebrou, veio um arco mais novo só que descalibrado. Você tem que calibrar, é um processo. Tu tem que se identificar com o arco, tem que ajustar ele. Demora *muito* tempo. Você não faz isso em quinze dias. Então eu cheguei na Olimpíada desfalcado já. Não conseguia agrupar as flechas. Tudo descalibrado. Sabia que era o arco, sabia que isso, não tinha jeito. Não teve jeito. Então eu tive esse azar, digamos assim, de ter que passar por isso. Então eu não fui muito bem classificado, então foi meio traumatizante. Pra um atleta que tinha vontade de fazer e acontecer e chegar lá na hora e ver que por um erro de cálculo, um erro de logística, um erro simples não vai pra Olimpíada. Não vai conseguir um resultado melhor.

C.M. – E tirando isso o que... Além disso, o que mais na Olimpíada? Você chegou a ficar na Vila Olímpica? Como é que foi?

L.T. – Sim, sim, sim. A gente concorreu com todo mundo lá. Os refeitórios, enfim, toda aquela, todo aquele clima de Olimpíada era muito interessante. Não deu pra conhecer a China. Eu conheci a muralha porque a Istoé fez uma... É Isto é, não a Veja! A Isto é, fez uma reportagem na muralha da China então nos levou até lá, etc e tal. Mas foi bem legal, é uma coisa que não tem como esquecer. A abertura dos Jogos também é muito...

C.M. – Você participou da abertura?

L.T. – Particpei e é uma coisa que fica gravada. E na época eu não tinha nenhum *IPhone* da vida pra filmar. Tava recém lançando o *IPhone*, eu lembro disso. E foi show de bola. O sonho de todo o atleta é ir pra uma Olimpíada, seja pra participar de uma abertura. Eu particpei da abertura, particpei da abertura dos Jogos Pan-americanos de Guadalajara também. Num nível menor, mas é parecido.

C.M. – Teve algum aspecto negativo da organização da Olimpíada? Da participação da Olimpíada?

L.T. – Não, não. Nada, nada, nada, nada. A única coisa que eu notei é que tinha uns passarinhos. Como eu sou ornitólogo, biólogo, tem uns passarinhos exóticos, *Agapornis* que eles soltaram na vila pra embelezar, né? Então os chineses fizeram isso. É um bichinho que não é de lá. São coloridos, são bonitinhos e eles largaram lá na Vila Olímpica pros atletas acharem que aquilo é normal. E eu vi os bichinhos morrendo de fome, berrando porque estavam com fome.

C.M. – Ai que triste.

L.T. – É, e todo mundo achava bonito porque o bicho tava berrando ali. E a gente, como biólogo sabe que eles tava berrando de fome e que o bicho tá exótico ali. Não é dali. Então eu achei uma sacanagem só. Um erro de procedimento deles quando a essa parte só, mas a única também. O resto tudo 100%.

C.M. – E como foi a estrutura, tanto de hospedagem quando das competições?

L.T. – 100%. Jamais tinha chegado numa competição desse nível, né? Com toda essa logística preparada, bem organizada. Os chineses são fantásticos pra isso.

C.M. – Vocês ficam todo o tempo... O Tiro com Arco fica todo o tempo da Olimpíada?

L.T. – Não. Só os primeiros quinze dias. Daí sai e dá espaço pra outra modalidade que vai entrar porque não tem alojamento pra todo mundo. E o Tiro com Arco é muito rápido. Um

dia treino livre, no outro já começa a competição, no outro já começa as eliminatórias. Em torno de cinco dias acabou.

C.M. – Você ficou para o encerramento ou você veio embora?

L.T. – Não, não. Vim embora. Tinha que vir embora. Já tinha passagem, tinha tudo organizado pelo COB pra vir embora.

C.M. – Ok. E depois que você volta dos Jogos qual é a repercussão dessa sua participação?

L.T. – Foi interessante. Interessante porque fui reconhecido por muita gente. Você começa a ficar, como é que vou dizer... Você começa a ser *notado* porque um atleta olímpico é diferente de um atleta normal. Parece que as pessoas não dão valor, só depois que vai pra uma Olimpíada e foi muito, muito interessante a evolução disso tudo. Fiz muitas amizades que mantenho até hoje, com atletas. Mas depois das Olimpíadas tudo... Daí eu comecei a me dedicar mais à parte profissional. É com se dissesse “Missão cumprida, fui pra Olimpíada, já posso sossegar”.

C.M. – E de 2008 a 2010 disse que deu uma parada.

L.T. – Isso, daí esse trabalho aqui no aeroporto é um projeto-piloto, ele começou em 2009. E é um projeto que eu estou discutindo desde 1998, pra implantar a falcoaria aqui. Somente em 2009, janeiro de 2009 que ele foi concretizado. Então eu vim em agosto, setembro, agosto da Olimpíada, 2008 e daí só deu tempo de eu organizar tudo pra começar o trabalho aqui no aeroporto em 2009. Eu fiquei 2009, 2010 voltados pra esse trabalho aqui. Projeto-piloto pra colocar a falcoaria dentro do sistema do controle de aves nos aeroportos brasileiros. Até então era só uma possibilidade que existia nos aeroportos de fora. Isso não existia, não era a realidade do Brasil. Então o nosso projeto-piloto deu muito resultado. Reduzimos muito a colisão com aves e daí depois surgiu a possibilidade, depois desse um ano de projeto-piloto, surgiu a possibilidade de ter um projeto contínuo que é esse que temos hoje. Então nós fomos contratados em 2011 pra fazer o contínuo e estamos até hoje aí.



C.M. – Vocês trabalham só aqui em Porto Alegre ou nos outros aeroportos também?

L.T. – Não. Só aqui em Porto Alegre. Como é um trabalho muito artesanal, treinar um falcão, levar para a pista, a gente não tem um grande contingente de profissionais. Então nós temos que diminuir às vezes a pretensão de ir pra outros aeroportos e se dedicar a aqui pra que dê resultado. Então é basicamente só o Aeroporto Salgado Filho.

C.M. – Então como que você voltou pra participar do *master plan*?

L.T. – *Master plan* foi em 2010. Eu acabei o projeto aqui, o piloto e aí que o COB começou a se mexer porque teve a votação da Olimpíada, etc e tal. “Trainini vai vir pra cá? Rio de Janeiro, assim, assim, assim até 2016”. De cara é tentador, tentador. “Como é que vão ser as condições, os salários, etc e tal” “Não, vai ser uma ajuda. Vai ser uma bolsa, tu vai ganhar uma bolsa atleta olímpico? A bolsa olímpica.” Enfim, algumas condições que favoreciam. E eu aceitei topiar. Tava no Rio de Janeiro quando... Treinando. Daí nós fomos pra São Paulo, treinar em Campinas pra depois em 2012 que eu larguei tudo. Eu larguei tudo, o Tiro com Arco principalmente porque esse projeto aqui tava começando. Então tive que escolher. Ou vou pra Olimpíada novamente ou venho pra cá. Daí depois da seletiva pra Londres, eu consegui a vaga pra Londres, pra Olimpíada de Londres. Basicamente fui eu que consegui essa vaga. Na hora, quando você consegue essa vaga ela é do Brasil, não é sua. Você consegue a vaga e ela veio pro Brasil. Depois dentro do Brasil a gente disputa ela internamente pra quem vai. Então na verdade é pior ainda. Você conseguiu a vaga e dá pra outro, entendeu? E daí eu consegui essa vaga lá fora, lá na Colômbia, trouxe ela pro Brasil e a seletiva que definiria quem iria pra Londres foi nos Estados Unidos. Deu uns problemas pessoais aqui, perdi um grande amigo meu num acidente de trânsito. Bem naquela semana dos Estados Unidos. Eu não consegui atirar bem lá, fiz um resultado bem medíocre devido a, eu acho que pode ter contribuído isso também. Meu colega de equipe que é o Daniel<sup>17</sup> foi meu suplente em Pequim e nessa eu fui suplente dele. [riso] Então ele que acabou indo pra Olimpíada. Depois disso eu até estava com vontade de voltar pra 2016, mas o trabalho me prendeu e eu não tive como sair mais. Eu planejava voltar em 2014, 2013, 2014, mas não consegui.

C.M. – E você continuou praticando?

L.T. – Não. Nunca mais peguei no arco. Desde 2012.

C.M. – Bem aqui, quando você volta dos Jogos Olímpicos, fizeram reportagens com você, a imprensa aqui do Rio Grande do Sul?

L.T. – Sim, sim. Essas reportagens ficaram até o final mais ou menos de 2008, eu acho, uma coisa bem quente. Depois vai esfriando, normal, vai indo, vai esfriando, mas fizeram bastante reportagem.

C.M. – Gustavo, tem mais alguma coisa que você gostaria de deixar registrado? De contar?

L.T. – Não, eu acho que é isso aí. O trabalho de vocês é excepcional pra poder passar pro público essa memória, essa condição de atletas, relembrar o que aconteceu porque é uma baita de uma missão você participar de uma Olimpíada, se preparar pra ela. É tudo uma possibilidade, então, existe um risco grande de dar errado. Imagina, é uma peneira gigante, vários atletas com o mesmo propósito, às vezes com muito mais condições financeiras do que você. E só parabenizar o projeto de vocês por tá relembrando isso tudo e deixando eternizado um trabalho como esse.

C.M. – Então, Gustavo, muitíssimo obrigado.

L.T. – É um prazer, eu que agradeço a oportunidade.

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>17</sup> Daniel Rezende Xavier.